

Biblioteca Anarquista



Crítica à cultura simbólica

Um resumo das ideias de John Zerzan sobre o
simbólico

Contraciv

Contraciv

Crítica à cultura simbólica

Um resumo das ideias de John Zerzan sobre o simbólico

12/04/2016

<https://contraciv.noblogs.org/critica-a-cultura-simbolica/>

Este é um resumo da crítica de John Zerzan à cultura simbólica, apresentada em três ensaios: **Correndo do Vazio: o fracasso do pensamento simbólico**, **Número: sua origem e evolução** e **Essa coisa que fazemos**. O objetivo é apresentar numa linguagem simplificada a crítica primitivista à cultura simbólica como elemento fundador da civilização.

bibliotecaanarquista.org

12/04/2016

Conteúdo

Todo poder autoritário nasce da simbologia	3
A lógica matemática enquanto alienação	6
A reificação do mundo vivo	9
A cultura simbólica terá um fim	14

De onde vem a crença de que a representação simbólica sempre existiu ou sempre existirá? Provavelmente, do fato de que não conseguimos mais enxergar a vida, a existência e a realidade sem nossas limitadas teorias semióticas, nas quais tudo que existe parece estar aprisionado.

Mas os limites da racionalidade dominante e os danos causados pela civilização saltam por demais aos olhos para que aceitemos isso passivamente. A representação simbólica conduz a uma insuportável perda da autenticidade. Nossa busca constante pelo transcendente evidencia o efeito degradante da civilização. A perda de sentido é cada vez mais angustiante.

O controle, embora insatisfatório, imperou como principal consolo cotidiano para essa ausência de sentido. Somos capturados pela lógica cultural da objetificação, e nenhuma nova forma de ritual e ou de representação que prometa uma existência reencantada será suficiente. Mais daquilo que falhou durante tanto tempo dificilmente pode ser a resposta.

A cultura simbólica nos levou a trair nosso próprio espírito e nossa própria plenitude, rumo a um reino de cada vez mais alienação e busca de prazeres cotidianos, sem os quais perderíamos o que resta de nossa humanidade. A escolha entre nossa própria vida e a existência de civilização tornará a representação simbólica tão desnecessária quanto a produção de um sistema tecnológico totalitário.

**A cultura simbólica terá
um fim**

**Todo poder autoritário
nasce da simbologia**

Toda autoridade começa na representação simbólica. Para dominar uma realidade, o homem primeiro a representa na sua mente, onde ela é manipulada e dobrada à sua vontade. A dominação civilizatória é uma dominação total e exige uma representação simbólica total.

A representação simbólica é a alma da civilização, e suas principais manifestações são a linguagem formal e a lógica matemática. Linguagem e matemática são os meios para coordenar as ações, padronizar a técnica e criar regras para o comportamento social.

Apenas aquilo que precisa ser reprimido, precisa ser representado. A representação é a alienação original, o terreno no qual se desenvolve a civilização. Seu desenvolvimento é marcado pela reificação, dependência, burocratização, desolação espiritual e tecnificação desertificadora.

A representação simbólica é relativamente recente. A arte rupestre mais antiga, por exemplo, é de cerca de 30 mil anos atrás e a linguagem formal tem menos de 50 mil anos, muito embora o ser humano já tivesse a mesma capacidade mental há muito mais tempo. O que impediu o homem de usar sua capacidade para criar representações simbólicas? Talvez uma recusa ativa, tal como a recusa ao Estado. O que faltava era uma visão de mundo que objetivasse o controle total sobre a vida.

Nossa cultura acredita ser o único remédio para males naturais como a violência, o sacrifício humano, o canibalismo, a tortura, a doença, etc... Ela precisa demonizar e diminuir a natureza para se justificar porque está, por definição, em oposição a ela. O fato é que todos os males que nossa cultura diz remediar foram criados por ela mesma.

Os seres humanos já fizeram parte desse mundo como qualquer outro animal, e viveram tão bem quanto se pode viver. A civilização é o que nos retira de nosso mundo-próprio (umwelt) e nos coloca numa existência vazia, virtual, idealizada.

Sem acesso ao mundo humano, a experiência sensorial perde o sentido, passa a ser acusada de enganadora. O conhecimento sensível é substituído por constructos simbólicos representacionais, teorias científicas e técnicas de controle. O que importa agora não é o real, que não cabe em nenhum modelo, mas somente aquilo que pode ser organizado por regras lógicas.

A própria passagem do tempo é compreendida dessa forma. A civilização observa o passado dentro de sua própria teoria da história, linear e causal. Nossas percepções tornaram-se tão governadas e saturadas pelas concepções de tempo e espaço que perdemos a capacidade de pensar de outro modo. Pensar fora do modelo racional civilizado se tornou um de-

natureza é a antítese da dominação e do distanciamento que constituem o âmago da reificação. Ela nos lembra de que todo desejo é um desejo de relação que, em sua forma mais sublime, é recíproca e cheia de vida. Possibilitar essa proximidade ou presença é um projeto prático gigantesco de fazer com que a civilização chegue ao fim.

experiência em seu estado bruto”. Em sua obra final, que ficou inacabada, o fenomenólogo Merleau-Ponty começou a investigar como a linguagem reduz uma riqueza original, e como ela, na verdade, vai de encontro à percepção.

A primeira reificação da cultura é o ritual, um esquema de ação objetificado e um comportamento simbólico que é padronizado e repetitivo, e que aponta decisivamente em direção à domesticação. O ritual pode ser considerado como o modelo original de cálculo da produção. Em seu trabalho de campo no sudeste da Ásia, Georges Condominas compreendeu o ritual como um componente integral da tecnologia agrária tradicional.

A cultura reificada origina-se da necessidade de um combate contra as forças da natureza. Os poderes da natureza são reificados, juntamente com os poderes de seus equivalentes mitológicos. Do animismo ao deísmo, o divino desenvolve-se em oposição a um mundo natural retratado como cada vez mais ameaçador e caótico. As figuras de seminal importância para a religião e a cosmologia dos Maias simbolizam a Guerra, a Agricultura, o Comércio e os Tributos. Tal como Feuerbach observou, todo estágio importante na história da civilização humana começa com a religião, e a religião serve à civilização tanto substancial quanto formalmente. Em seu aspecto formal, a natureza reificadora da religião é a mais poderosa de todas as contribuições.

Max Weber afirmou que a cultura “aparece como a emancipação do humano em relação ao ciclo organicamente estabelecido da vida natural. Por esse mesmo motivo, todo passo adiante da cultura parece estar condenado a levar a uma ausência de sentido cada vez mais devastadora”. Somos esvaziados pela objetificação, nosso enraizamento e nossa autenticidade são aniquilados. Somos como o esquizofrênico que vivencia a si mesmo ativamente como uma coisa.

Há uma frieza, uma sensação palpável de que “algo está faltando” inerente ao empobrecimento inequívoco de um mundo que objetifica a si mesmo. Pode ser que nossa única esperança se encontre precisamente no fato de que a insanidade do todo é tão evidente. O ato de desreificação precisa ser um retorno a uma vida simples. A vida petrificada no formato de coisa será incapaz de despertar sem um vasto desmantelamento deste mundo cada vez mais padronizado e massificado.

A condição na qual o sentido era vivido, e não objetificado em uma rede de cultura simbólica, precisa ser resgatada. Temos hoje a imagem de uma humanidade que viveu nessa condição. Essa participação original na

safio comparável ao de compreender uma mente alienígena. Apenas uma demonstração do grau de nossa própria alienação.

A representação verbal é o principal meio de estabelecer, definir e manter o mundo cultural e de estruturar nosso próprio pensamento. A civilização se ergueu sob o domínio da fala e da visão, nossas principais ferramentas de controle. Mas nossa cultura as trata como principais condições para a inteligência. Como pessoas mudas ou cegas podem atestar; isso não é verdade.

A comunicação não civilizada envolve todos os sentidos e depende do compartilhamento de emoções, não apenas de informações. A alfabetização nos levou à sociedade dos sentidos divididos e reduzidos. Tratamos essa perda sensorial como se ela fosse um estado natural, quando ela foi produzida pela civilização.

A representação simbólica está intimamente relacionada ao pensamento tecnológico, que resulta em um domínio acelerado sobre o mundo natural, similar ao controle da percepção, dos pensamentos e dos sentimentos.

A arte enquanto representação simbólica se desenvolveu em conjunto com a religião e outras formas de controle do pensamento, criadas para manter unida uma vida comunitária que estava começando a se fragmentar. Não haveria necessidade de arte ou religião em um mundo não alienado. A religião e a arte são respostas às inseguranças e tensões, prometendo resolução e catarse por meio da renegociação simbólica ou reinterpretção de significados.

A autoridade centralizada desenvolveu-se a partir da posição elevada de pessoas com acesso exclusivo ao mundo das representações. O poder simbólico é a primeira forma de poder. O Estado desenvolve-se a partir do domínio da imagem, do símbolo e da representação. É a partir de uma imagem de um passado violento, por exemplo, que se manipula o medo das pessoas para que aceitem um regime totalitário.

A dominação da vida exterior leva à destruição da vida interior. A violência voltada para fora é ao mesmo tempo infligida espiritualmente. O mundo exterior é degradado na mesma medida em que o campo perceptivo é submetido a uma redução conceitual.

A lógica matemática enquanto alienação

rem espontaneamente, nada tendo a ver com o contexto destrutivo que o indivíduo é, em geral, levado a suportar cegamente sob o efeito de drogas.

A relação entre sujeito e objeto deve ter sido radicalmente diferente antes do momento em que a distância temporal começou a avançar para dentro da psique. O tempo passou a elevar-se acima de nós como uma coisa externa, um precursor do trabalho e da mercadoria, separado e dominador, tal como descrito por Marx. A reificação do tempo é uma força despresentificadora, que nos tira do presente em que vivíamos antes de sermos sugados pelo conceito reificado de história.

Foi, sem dúvida, o relógio que completou essa reificação, ao dissociar o tempo dos eventos humanos e dos processos naturais. À época de seu surgimento, o tempo já era completamente exterior à vida e estava encarnado no primeiro dispositivo totalmente mecanizado.

Um erro comum consiste em confundir-se inteligência com cultura reificada. Considera-se que a ausência de reificação seja equivalente à ausência de inteligência. Essa confusão é agravada ainda mais quando a reificação é vista como inerente à natureza do funcionamento mental. A partir de Thomas Wynn e de outros pesquisadores, sabemos agora que os humanos pré-históricos eram dotados de uma inteligência idêntica à nossa. Se a cultura simbólica é impossível sem a objetificação, daí não se segue que ambas sejam inevitáveis ou desejáveis.

A perspectiva pós-moderna celebra positivamente a presença reificada da história e da cultura ao negar a possibilidade de que um estado anterior à reificação tenha existido. Tendo se rendido à representação, dificilmente se poderia esperar que investigassem a gênese da reificação.

A linguagem é a reificação da comunicação, uma mudança paradigmática que estabelece todas as outras formas de separação mental. A versão do filósofo W. V. Quine para essa mesma tese é que a reificação surge com o pronome. O símbolo assume o lugar do ser. Se para nós é impossível coincidirmos com nosso ser, argumenta Sartre em *O Ser e o Nada*, então o simbólico é a medida dessa não coincidência.

Na verdade, a linguagem avança como uma coisa exterior ao sujeito e molda nossos processos cognitivos. A magnitude dessa perda é sugerida na definição de C. S. Peirce do eu como, sobretudo, uma consistência (ausência de contradição) da simbolização. “Minha linguagem constitui a totalidade do meu eu”, concluiu ele.

De acordo com Quine, essa reificação desempenha uma função na criação de um “sistema estruturado do mundo”, ao aparar as “arestas da

Reificação tornou-se um termo de uso corrente, tal como definido pelo marxista Georg Lukács: a saber, uma forma de alienação que surge a partir do fetichismo da mercadoria nas relações de mercado modernas. Mas a reificação do mundo começa muito antes do capitalismo.

O processo de reificação transforma as práticas e as relações humanas em objetos exteriores. Aquilo que é vivo acaba por ser tratado como uma coisa ou abstração, e essa mudança é vivenciada como algo natural, normal, incontestável.

O mundo apresenta-se a nós, e nós o representamos. Qual é a necessidade de fazermos isso? Sabemos o que os símbolos realmente simbolizam? Seria a verdade algo que precisa ser possuído, e não aquilo que é representado? Os signos são basicamente sinais, isto é, são correlativos; mas os símbolos são substitutivos.

A reificação permeia a cultura pós-moderna. O caráter nefasto de nossa pós-modernidade pode ser considerado como o destino da história da filosofia. Há cerca de 250 anos, o romântico alemão Novalis lamentava que “perdeu-se o sentido da vida”. O questionamento generalizado do sentido da vida somente começou por volta desse período, exatamente na mesma época em que o industrialismo fazia as suas primeiras incursões. Desse momento em diante, a erosão do sentido foi rapidamente acelerada, o que nos lembra de que a função substitutiva da simbolização é também protética. A substituição daquilo que é vivo pelo que é artificial (tal como a tecnologia) implica uma coisificação. A reificação sempre é, ao menos em parte, um imperativo tecnológico.

A tecnologia é “a habilidade de ordenar o mundo de tal forma que não precisemos vivenciá-lo”. Em última instância, é nosso modo de conhecer em sua totalidade que tem sido deformado e reduzido dessa maneira. A “inteligência” é agora uma exterioridade a ser mensurada, equiparada à proficiência em manipular símbolos. A filosofia tornou-se a racionalização altamente elaborada das reificações. E, de um modo ainda mais geral, o próprio ser é constituído enquanto experiência e representação, enquanto sujeito e objeto. Esses desdobramentos devem ser criticados o mais fundamentalmente possível.

O mundo-da-vida reificado exclui progressivamente aquilo que o questiona. A literatura a respeito da sociedade levanta cada vez menos questões básicas acerca da sociedade, e o sofrimento do indivíduo agora raramente é relacionado à própria sociedade. A desolação emocional é vista quase totalmente como uma questão de anomalias químicas cerebrais que ocor-

A forma mais pura de representação simbólica é o cálculo matemático. Toda nossa ciência está baseada na ideia de que a matemática é a linguagem da natureza. Nossa cultura considerou a geometria como o próprio exercício da inteligência livre das limitações do mundo material. Por isso Platão, o idealista, exigia que seus alunos soubessem geometria.

Desde Platão, a instrução matemática tem sido valorizada em regimes totalitários, para os quais “A República” de Platão é o primeiro manual. Platão negou que uma sociedade sem Estado tenha algum dia existido, e sua maior influência na política é partir de uma idealização da história para justificar o Estado.

Francis Bacon reconheceu abertamente que o papel da ciência é a dominação da natureza: “conhecimento é poder”. A ciência moderna substituiu o mundo real por um mundo de relações matemáticas abstratas. Já não descreve mais o mundo, apenas o representa simbolicamente. A tese de que o mundo é organizado de forma que há uma ruptura completa entre as pessoas e o mundo natural é a base para o renome de Descartes como o fundador da filosofia moderna. Descartes declarou que o objetivo da ciência é “nos tornar os mestres e possuidores da natureza”. Apesar de ser um cristão devoto, Descartes renovou o distanciamento da vida que um deus já evanescente que não podia mais legitimá-la efetivamente. Enquanto o cristianismo enfraquecia, uma nova ideologia central de alienação surgiu, garantindo ordem e dominação baseadas na precisão matemática.

Enquanto a natureza viva e animada morria, o dinheiro inanimado passou a ganhar vida enquanto Capital. O mercado assumiu atributos de processos e ciclos orgânicos. Eliminar os elementos caóticos, bagunçados ou vivos favoreceu o controle governamental centralizado e a concentração de poder na forma do Estado-Nação moderno.

Leibniz, também fascinado por relógios como Descartes e Galileu, afirmou que “não há nada que fuge dos números”. A objetificação completa do tempo foi atingida por Isaac Newton, que mapeava o funcionamento do universo mecânico galileano-cartesiano. Produto de uma visão severamente repressiva e puritana, que se focava em sublimar a energia sexual e transformá-la em trabalho bruto, Newton falava do tempo absoluto, “fluindo uniformemente indiferente a qualquer coisa externa”. Também para Newton, a natureza seria como um relógio.

Bach, tratando a música como uma forma de matemática, substituiu a polifonia vocal pela harmonia instrumental. Kant disse que em qualquer teoria particular, só há ciência na medida em que há matemática, e

dedicou uma parte considerável da sua *Critica a Pura Razão* para uma análise dos princípios fundamentais da geometria e da aritmética.

A álgebra booleana possibilitou um novo nível de pensamento formalizado, como seu fundador ponderou “a mente humana... é um instrumento de conquista e domínio sobre os poderes da natureza circundante”. Bertrand Russell queria que a matemática e a lógica se tornassem uma coisa só. Descartando a não confiável linguagem cotidiana, Russell, Frege e outros acreditavam que na redução da linguagem residia a verdadeira esperança para o “progresso da filosofia”.

No final do século XIX, Lord Kelvin pronunciou que nós realmente não sabemos nada a não ser que possamos medir por meio de uma medida dotada de confiança elevada. A Administração Científica de Frederick Taylor usou a quantificação da gestão para subjugar o indivíduo às categorias newtonianas de tempo e espaço.

Apesar de ser comum a crença de que as teorias da relatividade e da física quântica, desenvolvidas entre 1905 e final de 1920, quebraram os principais conceitos da visão de mundo cartesiana e da mecânica newtoniana, a teoria da relatividade não passa de uma fórmula matemática, e o que Einstein buscou era um campo teórico unificado por uma física geométrica. O cerne da teoria quântica, certamente, é o Princípio da Incerteza de Heisenberg, que não se desfaz da quantificação, mas exprime as limitações da física clássica em fórmulas matemáticas sofisticadas.

Enquanto o espírito humano se degrada, a inteligência artificial avança. É a própria mente humana que se parece cada vez com uma inteligência artificial. A psicologia cognitiva, ecoando Hobbes, tornou-se quase totalmente baseada no modelo computacional de pensamento. O mundo degradado pela indústria só pode ser aceito na medida em que degradamos também a mente humana a ponto dela se tornar maquinal e sem vida.

A reificação do mundo vivo